

PELO MUNDO

Cristina Ruiz-Kellersmann, de Berlim

Arte na rua

Em andanças por Berlim, situações surpreendentes como se deparar com obras de arte em espaço público de artistas do calibre de Richard Serra podem acontecer. Berlim possui duas esculturas de Serra localizadas bem próximas uma da outra, nas imediações da Potsdamer Platz. "Berlin junction", que é composta por duas chapas de ferro presas ao chão e independentes, criando um corredor estreito, encontra-se em frente à Filarmônica. "Berlin block Charlie Chaplin" é um cubo de chapas de ferro que está no pátio que cerca a Neue National Galerie, do outro lado da rua.

A arte em espaço público é tão diversificada quanto a própria cidade. Além de Richard Serra, há outros nomes de prestígio, como, por exemplo, Jeff Koons, com uma "Balloon flower", da série de esculturas metálicas coloridas sugerindo serem feitas de balões torcidos. A de Berlim é azul e encontra-se também na Potsdamer Platz. Junto a obras de renomados artistas, o trabalho de Koons foi selecionado pela coleção Daimler para compor um circuito de sete esculturas nos arredores da praça. São elas: "The boxers", de Keith Haring; "Light blue", de François Morelet; "Nam sat", de Nam June Paik; "The riding bikes", de Robert Rauschenberg; "Galileo", de Mark di Suvero; e "Meta maxi", de Jean Tinguely.

Em relação à pintura, um fato interessante é que um dos primeiros murais pintados no Muro de Berlim foi criação do americano Keith Haring. Em 1986, a obra encomendada pelo Museu Checkpoint Charlie era um mural de 300 metros nas cores da bandeira da Alemanha. Infelizmente, com o tempo, a obra foi encoberta por pinturas de outros artistas e desapareceu de vez com a queda do muro, não deixando rastros do trabalho.

Atualmente, existem cerca de 2.500 obras de arte de mais de 850 artistas espalhadas por Berlim. Nem todas são fáceis de encontrar. Para a criação do Memorial Rosa Luxemburgo, o artista Hans Haacke utilizou-se de uma seleção de citações da revolucionária Rosa Luxemburgo. O discreto monumento é composto de 60 frases escritas em lâminas que, encravadas no chão, cortam a praça, a rua e a calçada em torno do pomposo teatro Volksbühne. Quem passa distraído pode não se dar conta da obra.

Outro trabalho que requer atenção especial é o memorial da Biblioteca de Bebelplatz, do israelense Micha Ullman. A obra consiste em um espaço totalmente branco com estantes vazias, num buraco no meio da praça coberto por um teto de vidro. Essa inusitada imagem remete à inesquecível queima de livros pelos nazistas, em 10 de maio de 1933. Em 2005, nos mesmos dias e meses, foi inaugurado em Berlim o Memorial aos Judeus Mortos na Europa. O polêmico projeto é do arquiteto americano Peter Eisenman e consiste em 2.711 blocos de cimento de alturas variadas, dispostos em fileiras — um labirinto de concreto. Não muito distante dali está o cubo gigante de Sol Lewitt, uma estrutura formada por vários cubos vazados, de ferro pintado de branco. Essa bela escultura está diante do Tribunal da Família desde 1993.

Tesouros "escondidos" de

consagrados artistas brasileiros — Amilcar de Castro, Frans Krajcberg, Miguel dos Santos e Siron Franco — estão situados nas quatro portas de entrada de um conjunto habitacional no bairro de Hellersdorf. Essas obras foram selecionadas a partir de um concurso internacional vencido por um escritório de arquitetura de São Paulo.

Em contrapartida às esculturas e monumentos que de forma perene definem o semblante da cidade, Berlim oferece uma paisagem formada por obras temporárias ou em transição. Nesse sentido, dois eventos notórios e de grande repercussão mundial devem ser lembrados: a famosa intervenção de Christo e Jeanne-Claude, em 1994, cobrindo o Reichstag, que ainda não era sede do Parlamento alemão, e a exposição de 15 esculturas de bronze de Botero, em 1997, no jardim de entrada da Ilha dos Museus, em frente ao Palácio da República, este já em fase de demolição. Era incrível passar por ali e se confrontar com

dois cenários

tão distintos.

Quando se fala em arte em espaço público, a pergunta que paira é sempre a mesma: qual é o critério? O procedimento que envolve a questão não é muito diferente de outras cidades. No caso dos

nomes citados, algumas obras já existiam e foram adquiridas, outras foram encomendadas pelo Estado. Independentemente de serem ou não nomes famosos. Os projetos e editais em Berlim estão abertos a todos. São iniciativas específicas de bairros e instituições federais e privadas.

A BKK — uma espécie de organização jurídica, técnica e de seguro social para defender os interesses da classe artística — faz a ponte entre artistas, empresas e governo, em diferentes níveis. Eles auxiliam no que diz respeito a editais e projetos para espaços públicos e também orientam artistas sobre como adaptar o conceito e a realização das obras às normas e regulamentos da cidade.

Não importa se a origem do investimento é estatal ou privada. Uma obra de arte em espaço público é sempre bem-vinda. Para se ter uma ideia, em 2003, uma construtora doou € 500 mil para a remodelagem de uma praça e a criação de uma obra de arte: uma escultura de Karl Schlamming, um enorme pêndulo-obelisco. Em troca, a prefeitura autorizou a construção de um andar extra em um hotel. Interesses como este fazem parte do negócio. Pode-se discordar de tais critérios políticos ou estéticos, mas é inegável que, dessas 2.500 obras espalhadas pela cidade, muitas são de alta qualidade.

Existem 2.500 obras de mais de 850 artistas espalhadas por Berlim. Nem todas fáceis de encontrar

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Rodrigo Pinto, de Londres	Francisco Bosco	PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso
	Cristina Ruiz, de Berlim		Eduardo Levy, de Los Angeles			